

Globalização e Transculturização

*Octávio Ianni*¹

Departamento de Sociologia do IFCH/UNICAMP/SP

Quando se analisam os diversos aspectos do processo de transnacionalização, mundialização ou, mais propriamente, globalização, logo se torna necessário reconhecer que ele leva consigo também a ocidentalização do mundo. Algo que ocorre desde o início dos tempos modernos, parece adquirir novos desenvolvimentos na época da globalização. São novos aspectos da ocidentalização que se manifestam e desenvolvem por todo o mundo. Simultaneamente, revelam-se manifestações e desenvolvimentos de um processo que pode ser denominado de orientalização do mundo, pela influência e adoção de elementos das culturas e civilizações orientais. Sem esquecer que se evidenciam presenças e influências de elementos culturais e civilizatórios provenientes da África e Oceania, além das

¹ Autor de: O Colapso do Populismo no Brasil; Ditadura e Agricultura; A Ditadura do Grande Capital; Ensaios de Sociologia da Cultura; Estado e planejamento econômico no Brasil; Formação do Estado populista na América Latina; Revolução e Cultura; A Sociedade Global; Teoria da Globalização; A Era do Globalismo.

ressurgências indoamericanas e afroamericanas. São múltiplos e intrincados, ao mesmo tempo que surpreendentes e fascinantes, os processos sócio culturais que se desenvolvem pelo mundo, tanto atravessando territórios, fronteiras, mares e oceanos, como mesclando culturas e civilizações, ou modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar.

São muitos os estudos sobre o mundo moderno e contemporâneo nos quais predomina o empenho de esclarecer a formação e o desenvolvimento de tribos, nações, nacionalidades, colônias, metrópoles e impérios. Isso é evidente nos estudos sobre o mundo ocidental, o mundo oriental, a África, a Oceania, a América Latina, o Caribe e a América do Norte; assim como sobre a ascensão e queda das grandes potências, as economias-mundo, a história das guerras e revoluções, os sistemas imperialistas, as lutas pela descolonização, as revoluções socialistas, os três mundos, a guerra fria, a nova ordem econômica mundial, o mundo sem fronteiras. Em sua maioria, os estudos procuram desvendar as origens das nações, acompanhando os seus desenvolvimentos, progressos e retrocessos, bem como as suas relações recíprocas, alianças, tensões, atritos, conflitos. Em geral, as revoluções e contra-revoluções são examinadas com o intuito de compreender ou explicar como se forma e transforma a nação.

Não é por acaso que nesses estudos estão sempre presentes, explícitos ou subjacentes, conceitos como os seguintes: caráter nacional, identidade nacional, vocação nacional, destino nacional, projeto nacional, cultura nacional, literatura nacional, teatro nacional, música nacional, cinema nacional; assim como sociologia, economia, antropologia e outras ciências sociais vistas em perspectiva nacional. Apesar das incursões nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais exteriores, predomina o empenho em esclarecer o que é, o que pode ser ou o que deverá ser “nacional”.

Essa perspectiva de análise está muito presente nos estudos sobre a literatura, a sociologia e outras linguagens artísticas e

científicas. São muitos os estudos sobre o romance, a poesia, o teatro, o cinema, a pintura e a música, entre outras linguagens, nos quais está presente, explícita ou subjacente, a idéia de “nacional”.²

Daí para a noção ou ilusão de identidade, não falta nada. São muitas as pesquisas em sociologia e outras ciências sociais, assim como são muitos os romances, contos, poesias, peças de teatro, filmes, músicas, pinturas e esculturas nos quais o tema predominante é a nação ou o nacionalismo, compreendendo as realidades nacionais e as tradições nacionais, ou a utopia e nostalgia relativas à nação. Esse contexto no qual se elaboram muitos textos, fortemente polarizados pela idéia ou ilusão de identidade. Mas o problema não é a identidade como realidade ou convicção. O problema é que esse tema, muito presente na literatura e na sociologia, assim como em outras produções culturais, freqüentemente predomina sobre outros temas, dilemas ou horizontes. Sendo assim, o predomínio do “nacional” em muito do que é reflexão ou fabulação, pode representar uma limitação; inclusive no que se refere à inteligência do que poderia ser o “nacional”.³

Cabe, pois, adotar outra perspectiva na análise da cultura em geral, assim como das artes em especial, destacando-se a literatura. Sem prejuízo das contribuições realizadas e possíveis a partir do emblema nacional, cabe experimentar a perspectiva aberta pela idéia de contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação, mestiçagem ou, mais propriamente, transculturação. É claro que os estudos comparativos já avançaram muito nesse sentido. Contribuem decisivamente para localizar e esclarecer influências, imitações, mimetismos, bovarismos,

² HOMI K. Bhabha (Editor). *Nation and Narration*, Routledge : Londres, 1990.

³ RENAN, Ernest. “Qu’est-ce qu’une Nation?”, *Discours et conférences*, Calmann Lévy Éditeur : Paris, 1887, pp. 277-310; HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Trad. de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino, Editora Paz e Terra : São Paulo, 1991; GELLNER, Ernest. *Nations and nationalism*, Blackwell Publishers : Oxford, 1983.

migrações de símbolos, difusão de estilos. Mas cabe continuar, desenvolver e aprofundar a pesquisa e a reflexão, caminhando na direção do transculturalismo. Talvez seja possível dizer que a história das culturas e civilizações, compreendendo naturalmente a literatura e a sociologia, ou seja as artes e as ciências sociais, seja também uma história de um longo, complexo, surpreendente e fascinante processo de transculturação. Assim talvez se possa lançar mais luz sobre tudo o que parece nacional. E, simultaneamente, desvendar os contornos e os movimentos do muito que tudo isso parece também mundial.

Nessa perspectiva, a história do mundo moderno e contemporâneo pode ser lida como a história de um vasto e intrincado processo de transculturação, caminhando de par-em-par com a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização. Desde as grandes viagens marítimas dos fins do século XV, quando os povos de todo o mundo iniciaram um novo, amplo e intenso ciclo de contatos, intercâmbios, trocas, tensões, lutas, conquistas, destruições, acomodações, recriações e transformações, são muitas as transculturações em curso no Novo Mundo, África, Ásia, Oceania e Velho Mundo. Ao longo dos tempos e no largo dos espaços, por toda a geohistória do mapa do mundo, a começar pelas viagens de Vasco da Gama, Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães, são cada vez mais numerosas as conquistas, as feitorias, as capitânicas, os enclaves, as possessões, os protetorados, as colônias e as nações que atravessam as mais diversas culturas e civilizações.

A rigor, toda a história moderna e contemporânea, compreendendo o tribalismo e o nacionalismo, o mercantilismo e o colonialismo, o imperialismo e o globalismo, sem esquecer as guerras e revoluções, as lutas pela descolonização, as tensões entre o islamismo e o cristianismo, as polarizações capitalismo e comunismo, as ideologias e as utopias, toda essa história é uma história de contatos, intercâmbios, trocas, tensões, lutas, conquistas, destruições, acomodações, recriações e

transformações. Nesse sentido é que essa história, envolvendo praticamente todos os povos, tribos, nações, culturas e civilizações, pode ser vista como a história de um imenso e longo experimento cultural, ou mais propriamente civilizatório. Um experimento compreendendo todas as esferas da vida social e do imaginário, envolvendo as formas de vida e trabalho, as línguas e as religiões, as ciências e as artes, a filosofia e os estilos de pensamento.

É claro que a história dos outros tempos e povos, pretéritos, sempre esteve atravessada por contatos, trocas, tensões, lutas, mutilações e transformações, envolvendo as mais diversas formas de vida e trabalho, os mais diferentes modos de ser e imaginar. O hinduísmo e o budismo, o judaísmo e o cristianismo, o helenismo e o romanismo, esses são diferentes processos civilizatórios, todos impregnados de nativismo e estrangeirismos, tribalismos e universalismos, compreendendo sempre intercâmbios, trocas, acomodações e recriações. Talvez seja também por isso, devido a esses intercâmbios, tensões e transfigurações, que Buda, Lao Tze e Cristo tenham sido expulsos. Talvez incomodassem o tribalismo, por seus horizontes de universalismo.

Foram muitos os caminhos percorridos por comerciantes e viajantes, missionários e eremitas, nativos e estrangeiros, estranhos e exóticos, aventureiros e viandantes, todos tecendo os muitos desenhos dos mapas, cartografias, geografias e histórias, das realidades e fantasias do vasto e intrincado processo de transculturação que atravessa os tempos e os povos, presentes, recentes e remotos. Sempre houve contatos e intercâmbios, tensões e lutas, em todos os continentes, ilhas e arquipélagos. Alguns povos se fecham, procurando defender-se, preservar-se. Outros se abrem ou são obrigados a abrir-se. Em todos os casos, no entanto, ocorrem intercâmbios e mudanças socioculturais e outras. Aliás, o “estrangeiro” está sempre presente, implícito ou explícito, no horizonte de cada povo, tribo, nação ou nacionalidade. “Os gregos talvez tenham sido os primeiros a estudar as singularidades dos estrangeiros. Começaram reunindo dados como mercadores ou

colonizadores, mas pelo final do século VI a.C. já estavam escrevendo livros sobre etnografia e geografia para satisfazer o seu gosto pela pesquisa, pela **história**, como a denominavam, como mostra Heródoto, as suas pesquisas se estenderam a territórios que nenhum grego visitara”.⁴

Entretanto, antes do século XV, quando se toma em conta o que poderia ser então o mundo como um todo, ainda era predominante a dispersão, o isolamento ou os intercâmbios esporádicos. As barreiras geográficas, compreendendo os mares e oceanos, as florestas e os desertos, tornavam difícil se não impossível o contato regular entre uns e outros próximos e distantes. E isto se acentuava devido aos escassos recursos para navegação, das embarcações às cartografias, dos conhecimentos de astronomia às dúvidas sobre o desconhecido. Os povos, as tribos e os impérios encontravam-se dispersos no mapa do mundo. Havia contatos e comunicação entre eles, mas escassos ou episódicos, antes do que regulares. A despeito das relações comerciais escassas, ocasionais ou mesmo regulares, predominava o isolamento, a reiteração de suas formas particulares de vida e trabalho, ou de ser, agir, sentir, pensar e imaginar. Pouco se conheciam; desconheciam-se.

No fim do século XIV, “a Europa estava ainda relativamente isolada, fechada em si, com escasso conhecimento do que havia além das suas fronteiras... Até à época das descobertas realizadas nos séculos quinze e dezesseis, a consciência que a Europa tinha do mundo exterior baseava-se muito mais no mito e na fantasia, antes do que no conhecimento direto... A Europa não estava só em sua ignorância e em seu isolamento. Em 1400 o mundo estava dividido em umas poucas dezenas de sociedades e civilizações, com pequeno, quando não nulo, contato ou comunicação entre si... Entretanto, seria equívoco exagerar o isolamento e as dificuldades internas da Europa. A despeito da animosidade

⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização* (A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa), trad. de Cláudia Martinelli Gama. Jorge Zahar Editor : Rio de Janeiro, 1991, p. 71.

religiosa e das periódicas guerras, a Europa Cristã havia aprendido muito do mundo islâmico, tanto por sua preservação da ciência e da filosofia gregas como pela sua transmissão do conhecimento científico e agrícola, bem como das tecnologias, provenientes de longe, como da Índia e da China. Importantes contribuições islâmico-asiáticas para a era européia das descobertas...”⁵

Mas essa é outra história, outra parte da história, que poderia levar-nos lá longe, a outras formas de espaço e tempo, outros modos de ser e viver, outras linguagens e fabulações, ou visões do mundo.

“É muito fundo o poço do passado. Não deveríamos antes dizer que é sem fundo esse poço? Sim, sem fundo, se (e, talvez, somente neste caso) o passado a que nos referimos é meramente o passado da espécie humana, essa essência enigmática da qual nossas existências normalmente insatisfeitas e muito anormalmente míseras formam uma parte; o mistério dessa essência enigmática inclui por certo o nosso próprio mistério e é o alfa e o omega de todas as nossas questões, emprestando um imediatismo candente a tudo o que dizemos e um significado a todo o nosso esforço. Pois quanto mais fundo sondamos, quanto mais abaixo tentamos e calcamos o mundo inferior do passado, tanto mais comprovamos que as bases mais remotas da humanidade, sua história e cultura, se revelam inescrutáveis... O que aqui nos preocupa não é o tempo calculável. É antes a ab-rogação e a dissolução do tempo com o alternar-se da tradição e da profecia, que empresta à frase “era uma vez” o seu duplo sentido de passado e de futuro e com isto a sua carga de presente potencial”.⁶

O que aqui nos cabe, no entanto, como ensaio de viagem, como percurso na geohistória ou como travessia solta pelo mundo da fantasia, é percorrer alguns caminhos e descaminhos da história e da geografia do mundo moderno e

⁵ ARNOLDO, David. *The age of discovery (1400-1600)*, Routledge : Londres, 1994, pp. 2, 4 e 6-7.

⁶ MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Trad. de Agenor Soares de Moura, Livraria do Globo : Porto Alegre, 1947, pp. 13 e 32.

contemporâneo. Um mundo cada vez mais fortemente assinalado pelas armas e os barões do capitalismo, a partir do mercantilismo e colonialismo, indo pelo imperialismo e globalismo. Esse é um mundo apoiado principalmente no capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. Mas sempre mesclado com o cristianismo, o islamismo, o budismo e o confucionismo. Um mundo que desde o século dezenove tem sido atravessado pelo socialismo. vistos assim, em perspectiva ampla, em suas implicações socioculturais, econômicas e políticas, esses são vários processos civilizatórios, eles se desenvolvem, entrecruzam, tencionam, mutilam, fertilizam e transfiguram, em geral tendo por referência o capitalismo, mas sempre produzindo e reproduzindo ideologias, utopias e nostalgias.

Este é o desafio: a história dos povos e coletividades, das nações e nacionalidades ou das culturas e civilizações, pode ser lida como uma intrincada, contínua, reiterada e contraditória história de um vasto processo de transculturação, de par-emp- par com a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização. Um processo sempre permeado de identidades e alteridades, tanto quanto de diversidades e desigualdades, mas compreendendo sempre o contato e o intercâmbio, a tensão e a luta, a acomodação e a mutilação, a reiteração e a transfiguração.

Tomados em conjunto, em suas implicações históricas e teóricas, a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização revelam-se processos socioculturais de grande envergadura, presentes e decisivos em alguns dilemas ou enigmas: Novo Mundo e Velho Mundo, Oriente e Ocidente, Islamismo e Cristianismo, África, Comunismo e Capitalismo e Ocidente? Sim, são enigmas que implicam em transformar o Ocidente em uma interrogação. Pode ser um lugar no mapa do mundo, uma configuração geohistórica, um processo civilizatório, uma construção imaginária produzida no

contraponto com outras construções também imaginárias ou um tipo ideal. No conjunto, esses são alguns dos enigmas presentes, visíveis e invisíveis, em tudo o que diz respeito à globalização, ocidentalização, orientalização, africanização, indigenização ou, simultaneamente, transculturação. E desafiam tanto a sociologia como a literatura, além das outras linguagens artísticas e científicas, ou formas de conhecimento e fabulação. Sim, o conhecimento e a fabulação podem ser as duas faces principais de toda atividade intelectual, filosófica, científica e artística. Andam sempre de par-em-par, tentando esclarecer por que o “mundo é uma coleção de enigmas giratórios”.⁷

Tudo tem algum começo, ainda que não se saiba quando começa. Muitas vezes, só depois se fica sabendo que começou, muito depois. Há casos em que se começa a interrogar o acontecido, o princípio do princípio, quando a situação, o fato ou a realidade já se desenvolveu bastante, não pode ser negada, é inegável.

Nesse sentido é que os novos desenvolvimentos da ocidentalização do mundo, no século XX, abre possibilidades inesperadas de reflexão sobre outros tempos, pretérito, recentes ou distantes. Há momentos, principalmente quando ocorrem rupturas históricas de amplas proporções, que abrem horizontes surpreendentes para o conhecimento e a fabulação. É o que parece estar ocorrendo no fim do século vinte. Esta pode ser uma ocasião em que os desafios que se abrem com a globalização do mundo permitem rebuscar o passado, no empenho de conhecer melhor o presente e imaginar o futuro. Pode-se dizer que o grande acontecimento histórico, neste caso uma ruptura que cria impasses e abre horizontes, permite reler o passado, como se fosse uma narração da qual se conhecem apenas alguns fragmentos.

⁷ ROSA, João Guimarães. “O texto, um animal bravo e vivo”, trechos de cartas a Harriet de Onís. Tradutora para o inglês de *Grande Sertão: Veredas e Sagarana*. In: *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 maio 1996, p. 4. Citação da carta datada de 4 março 1965.

Esse o horizonte que se abre para muitas releituras. São muitas as narrativas produzidas desde os inícios dos tempos modernos que podem adquirir novos significados, se vistas à luz dos dilemas e deslumbramentos que se abrem com a globalização do mundo. Uma dessas narrativas, dentre outras, pode ser *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Demorou muito para que alguns significados surpreendentes desse poema se tornassem tão mais evidentes.

Sob muitos aspectos, o poema de Luís de Camões, *Os Lusíadas*, simboliza muito bem o clima predominante na época dos descobrimentos, encontros e conquistas. Relata as façanhas do povo português figurado na viagem de Vasco da Gama contornando as costas da África e chegando à Índia, precisamente na cidade de Calicute em 1498. Fala em comércio e missão, em especiarias e ouro, na façanha inaudita do empreendimento, na descoberta das riquezas das Índias Orientais, no heroísmo do povo português, na ocidentalização das lonjuras e na cristianização dos outros, estrangeiros, estranhos, bárbaros. Provavelmente é a primeira e a mais desenvolvida narrativa da era dos descobrimentos, inaugurando em estilo épico os momentos iniciais do vasto, intrincado, surpreendente e fascinante processo de ocidentalização do mundo, de par-em-par com o nascimento do capitalismo moderno, como modo de produção e processo civilizatório, em uma singular aliança em geral inspirada na rima de cristandade com humanidade.

Os Lusíadas refletem um momento novo, mais avançado e ambicioso do mesmo espírito que moveu as cruzadas da cristandade nos territórios islâmicos, destinadas a libertar Jerusalém e liberar as vias de comércio. São vias que também entram nos desenhos imaginários por meio dos quais se passou a distinguir e hierarquizar Oriente e Ocidente. O mesmo espírito no qual se combinam a fé e o comércio, a cruz e a espada, o conquistador e o missionário.

Talvez se possa afirmar que *Os Lusíadas* funda o discurso da ocidentalização do mundo. Aí se elegem os signos e os

significados demarcando as linhas mestras das relações entre a Europa, ou o Ocidente, com todos os “outros” povos, tribos, nações, nacionalidades, línguas, religião, modos de vida e trabalho, imaginários, culturas e civilizações. Assim se dá a contínua e reiterada metamorfose: troca e comércio, mercado e mercadoria, dinheiro e capital, valor de uso e valor de troca, lucro e mais-valia, produtividade e lucratividade, capital e civilização, civilização e alienação; tanto quanto descobrimentos e conquistas, feitorias e colônias, navegantes e piratas, comerciantes e missionários, bárbaros e civilizados, mercantilismo e cristianismo.

Essa a poética dos primórdios dos tempos modernos, quando os europeus, ocidentais, navegantes, conquistadores e missionários avançam pelo mundo afora. Trata-se de um discurso que não termina nunca, ainda que alterado de quando em quando em algumas das suas formulações, em conformidade com as exigências do mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. Uma poética elaborada em prosa e verso, crônica e relato, monografia e ensaio, linguagens artísticas e linguagens científicas. Tem sido monólogo e diálogo, polifonia e cacofonia, tanto quanto utopia e nostalgia. Uma poética que se expressa em processos socioculturais, modos de vida e trabalho, vivências e consciências, realidades e imaginários, envolvendo sempre várias modalidades de transculturação.

Essa é a poética que irá reaparecer e desenvolver-se em muitas outras narrativas, literárias e científicas, por todos os cantos e recantos do mundo. São narrativas nas quais se taquigrafa, desenha ou canta o modo pelo qual o mundo se torna mundo, vasto mundo; ou pelo qual se forma, movimenta, transforma e encrenca a máquina do mundo.

*Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo, ali ficou
Diz-lhe a Deusa: – O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.*

*Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.⁸*

*E se buscando vás mercadoria,
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.⁹*

*Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um rei que temos, alto e sublimado.¹⁰*

*E sabe mais (lhe diz) como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.¹¹*

⁸ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Abril Cultural : São Paulo, 1979, Canto décimo, estrofes 79 e 80.

⁹ CAMÕES, Luís de. Op. cit. Canto segundo, estrofe 4.

¹⁰ CAMÕES, Luís de. Op. cit. Canto segundo, estrofe 80.

¹¹ CAMÕES, Luís de. Op. cit. Canto primeiro, estrofe 79.

São muitas as narrativas literárias, sociológicas e outras, artísticas e científicas, sobre os descobrimentos, os encontros e as conquistas, que se multiplicam pela história adentro, desde os primeiros momentos dos tempos modernos. Vejamos alguns exemplos. Primeiro, algumas narrativas literárias: *Os Lusíadas* de Luís de Camões; *A Tempestade* de William Shakespeare; *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe; *Passagem para a Índia* de Walt Whitman; *Kim* de Rudyard Kipling; *O Coração de Treva* de Joseph Conrad; *A condição Humana* de André Malraux; *A Primeira Vida* de Adamastor de André Brink e *A Volta ao Dia em Oitenta Mundos* de Júlio Cortázar. Segundo, relatos e estudos de viajantes e pesquisadores: *A Primeira Viagem ao Redor do Mundo* de Antônio Pigarrera; *Diários da Descoberta da América* de Cristóvão Colombo; *Novo Mundo* de Américo Vespúcio; *América Meridional* de Charles Marie de La Condamine; *A Viagem do Reagle* de Charles Darwin; *Os Sete Pilares da Sabedoria* de T. E. Lawrence e *Tristes Trópicos* de Laude Lévi-Strauss. Terceiro, estudos e posicionamentos de intelectuais e líderes políticos situados em sociedades africanas, asiáticas e latinoamericanas: *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* de Amim Maalouf; *Novas Cartas do Extremo Oriente* (Viajantes Chineses na Belle Époque) por André Lévy; *A Descoberta da Índia* por Jawaharlal Nehru; *Por que o Japão teve êxito?* por Michio Facundo (Civilização e Barbárie) de Domingo F. Sarmiento; *Discurso sobre o Colonialismo* de Aimé Césaire; *Os Condenados da Terra* por Frantz Fanon e *Longo Caminho para a Liberdade* de Nelson Mandela.

No conjunto, todos estão empenhados em entender ou fabular sobre uns e outros: povos, tribos, nações, culturas e civilizações, ou modos de ser, estilos de vida, visões do mundo. Simultaneamente, as narrativas literárias, sociológicas e outras estão desafiadas por alguns enigmas particularmente heurísticos: Novo Mundo e Velho Mundo, Oriente e Ocidente, Islamismo e Cristianismo, África, Comunismo e Capitalismo e Ocidente.

O complexo de enigmas e contrapontos que constituem a ocidentalização do mundo, tanto quanto a orientalização, a africanização e a indigenização, esse complexo desenvolve e

multiplica os processos sócio culturais, econômicos e políticos que conformam a transculturação manifesta em todas as partes do mundo. Esse, o complexo de enigmas e contrapontos que desenvolve as identidades e alteridades, tanto quanto as diversidades e desigualdades que configuram a pluralidade dos mundos.

Pluralidade em movimento, em contínua mutação, em geral simultaneamente polifônica e cacofônica, na qual coexistem e tencionam-se diversidades e desigualdades, identidades e alteridades, contemporaneidades e não-contemporaneidades, territorializações e desterritorializações, modernidades e pós-modernidades. Não se trata, portanto, de imaginar que a crescente transnacionalização, mundialização ou globalização, de par-em-par com a crescente globalização do capitalismo, anula as outras e muitas diversidades, singularidades ou excentricidades. Tanto as recobre e mutila como as anima e desenvolvem, pelos desafios que suscita ou pelas tensões e transfigurações que provoca.

É claro que sempre se afirmam e reafirmam as identidades de indivíduos, coletividades, etnias, religiões, línguas, nacionalidades, nações e outras. Em geral aparecem como ressurgências manifestas em conjunturas críticas, quando se abalam os quadros sociais e mentais de referência, quando se criam novos impasses ou multiplicam-se os novos horizontes. Nessas conjunturas, muitos se voltam às tradições e raízes, ou aos localismos, nacionalismos e fundamentalismos. Mas essa pode ser uma manifestação contraditória como os movimentos da história, em face das forças e tendências que predominam na dinâmica de vida social. Também pode ser uma manifestação orquestrada por alguns setores às vezes restritos desta ou daquela coletividade, nação ou nacionalidade. Todos naturalmente mobilizando tradições e raízes próximas e remotas, reais ou imaginárias, utópicas ou nostálgicas.

Esta é uma dimensão fundamental do que vai pelo mundo: a transculturação contínua, reiterada e permanente, por meio da

qual se mesclam e transfiguram instituições e idéias, modos de ser, agir, pensar e imaginar. De tal modo que tudo se interrelaciona e reitera, tenciona e modifica “entendemos que o vocábulo **transculturação** expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a expressão inglesa **aculturation**, mas que o processo implica também e necessariamente a perda ou o desenraizamento de uma cultura precedente, o que se poderia denominar **deculturação**; e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que se poderiam denominar de **neoculturação**... A criatura sempre tem algo de ambos os progenitores, mas também sempre é distinta de cada um dos dois. Em conjunto, o processo é uma **transculturação** e este vocábulo compreende todas as fases de sua parábola”.¹² “Toda mudança cultural, ou... toda **transculturação** é um processo no qual sempre se dá algo em troca do que se recebe; é um “tomar e dar”... É um processo no qual ambas as partes da equação resultam modificadas. Um processo do qual resulta uma nova realidade, composta e complexa. Uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de características, nem sequer um mosaico, mas um fenômeno novo, original e independente. Para descrever tal processo o vocábulo **transculturação** proporciona um termo que não contém a implicação de uma dada cultura à qual deve ter a outra, mas uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuintes e ambas cooperantes para o advento de uma nova realidade civilizatória”.¹³

A transculturação pode ser o resultado da conquista e dominação, mas também da interdependência e acomodação, sempre compreendendo tensões, mutilações e transfigurações.

¹² ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Introdução de Bronislaw Malinowski. Jesus Montero Editor : La Habana, 1940, p. 142. Consultar também: RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Siglo XXI Editores : México, 1982.

¹³ MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução” de ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Citado, pp. XV-XXII; citação da p. XVII.

Tantas são as formas e possibilidades de intercâmbio sócio-cultural, que são muitas as suas denominações: difusão, assimilação, aculturação, hibridação, sincretismo, mestiçagem e outras, nas quais se buscam peculiaridades e mediações relativas ao que domina e subordina, impõe e submete, mutila e protesta, recria e transforma.

A realidade, no entanto, é que sempre há mudança e transfiguração. Nada permanece original, intocável, primordial. Tudo se modifica, afina e desafina, na travessia. Parece o mesmo, mas já não é nem pode ser o que era, salvo como memória, fantasia ou nostalgia. Modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar, tudo se altera, parcial ou amplamente. Tanto é assim, que muitas vezes permanece a impressão de duplicidade, heterogeneidade, montagem, colagem, bricolagem ou simulacro. Uma impressão muito real e evidente, mas enganosa e aparente, já que o que resulta é sempre e também algo diferente.

É claro que as mais distintas manifestações da transculturação sempre têm algo a ver com as configurações socioculturais que entram na composição. Cada uma, a seu modo, já se compõe de pluralidades e heterogeneidades, pois podem ser herdeiras de outras transculturações. Quando entram em intercâmbio e composição, naturalmente desenvolvem outras pluralidades e heterogeneidades. Mais que isso, multiplicam as não-contemporaneidades que normalmente habitam toda e qualquer configuração cultural.

Esse pode ser o cenário em que se movem, migram, flutuam, aparecem, desaparecem, recriam, transformam ou transfiguram signos, símbolos, significados ou conotações socioculturais. Talvez os símbolos que migram sejam um elemento particularmente heurístico para a revelação de como se dá e em que resulta a transculturação. "A cultura da Índia tem sido uma das mais poderosas forças civilizatórias. Países do Extremo Oriente, inclusive a China, Coréia, Japão, Tibet e Mongólia devem muito do que tem sido suas próprias culturas à inspiração propiciada pelas idéias assimiladas da Índia. Também o Ocidente recebeu suas

contribuições. Mas os membros daquele círculo de civilizações além de Burma, dispersos pelo Golfo de Sião e o Mar de Java, na realidade deve a sua existência à influência criadora das idéias hindus. Entre os povos tribais do Sudoeste da Ásia, estas idéias formadoras enraizaram-se e floresceram. Não foram impostas por nenhuma conquista ou invasão. Foram adotadas porque esses povos julgaram que eram boas e que eles poderiam incorporá-las. As pequenas colônias de comerciantes hindus que se instalaram em pontos estratégicos ao longo das rotas marítimas nas ilhas e na costa da Indochina, meramente as importaram com o seu código de vida, suas concepções de lei e parentesco, sua rica literatura e a sua altamente desenvolvida filosofia de vida”.¹⁴

A rigor tudo se move, desloca, flutua ou migra, tanto quanto retorna, reaparece, regressa. Essa é uma travessia na qual todos estão, coisas, gentes e idéias, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar. E tudo é, simultaneamente, reiteração e modificação. Nada permanece o mesmo, mesmidade, ainda que pareça e inclusive se afirme, reivindique e insista. No contraponto das relações socioculturais e no jogo das forças sociais, ainda que se mantenham as aparências, similitudes ou mesmidades, tudo se move, modifica e transfigura. “As altas civilizações da Europa e Ásia são habitualmente vistas como entidades com características culturais específicas e próprias de cada uma. Mas o fato é que os exércitos conquistadores e os vastos movimentos de população têm sempre convulsionado a história dessas áreas e provocado intercâmbios ideológicos, tecnológicos e artísticos que tendem a promover a mescla de cultura com cultura”.¹⁵

Esse é um cenário sempre em movimento e todo o tempo atravessado por signos e símbolos, emblemas e enigmas, doutrinas e teorias, ideologias e utopias. São freqüentes, encadeadas, contraditórias e simultâneas as idéias de todos os

¹⁴ RAWSON, Philip. *The art of Southeast Asia* (Cambodia, Vietnam, Thailand, Laos, Burma, Java, Bali). Thames and Hudson : Londres, 1993, p. 7.

¹⁵ WITTKOWER, Rudolf. *Allegory and the migration of symbols*. Thames and Hudson : Londres, 1987, p. 11.

tipos que se movem por diferentes sociedades, culturas e civilizações, tecendo-as todo o tempo em um imenso caleidoscópio babélico, mapa cultural do mundo. Esse é um mapa no qual as correntes de pensamento científicas, filosóficas e artísticas estão sempre em movimento. “Tanto quanto indivíduos e escolas de crítica, as idéias e as teorias viajam, de pessoa a pessoa, de situação a situação, de uma época a outra. A vida cultural e intelectual habitualmente é alimentada e com freqüência sustentada pela circulação de idéias. O movimento de idéias e teorias de um lugar por outro é um fato da vida e, habitualmente, uma condição propícia à atividade intelectual, seja quando se trata de uma influência reconhecida ou inconsciente, de um empréstimo criativo ou de uma apropriação pura e simples... Cabe perguntar, em virtude de mover-se de um lugar e tempo para outro, se uma idéia ou teoria ganha ou perde em força; e se uma teoria em um período histórico e em dada cultura nacional torna-se inteiramente diferente de outro período ou situação... Isto complica qualquer avaliação relativa ao transplante, transferência, circulação e intercâmbio de teorias e idéias”.¹⁶

A verdade é que a história moderna e contemporânea revela-se um imenso laboratório em movimento, no qual se experimentam todo o tempo identidades e alteridades, diversidades e desigualdades, fundamentalismos culturais e transculturalismos. Um vasto e complexo movimento de heterogêneos, diversos, desiguais e não-contemporâneos, movimento esse no qual todos se mesclam se opõem, tencionam e acomodam, reafirmam e transformam. “As sociedades prosperam quando se misturam, quando idéias e conhecimentos são transferidos na excitante dança da polinização cultural cruzada. A Europa dominava grande parte do mundo pelo fim do século dezanove, principalmente por meio da sua tecnologia

¹⁶ SAID, Edward W. *The world, the text and the critic*. Harvard University Press : Cambridge, 1983, p. 226. Citação no cap. 10: “Traveling theory”.

avançada. Mas, como poderiam os impérios europeus ter sido construídos sem o papel, o compasso e a pólvora chineses, a trigonometria egípcia e a numeração árabe (por sua vez emprestada dos hindus)? A civilização japonesa é admirada por muitos, mas como poderia ter-se desenvolvido sem a linguagem, o sistema legal e a filosofia religiosa tão livremente emprestada da China”?¹⁷

É claro que os dilemas e os horizontes que se abrem com a transculturação, em escala mundial, alimenta inquietações e otimismo, assim como utopias e nostalgias. E isso fica muito evidente em algumas interrogações. “A Humanidade, tomada como um corpo único, ingressa numa única civilização planetária que representa ao mesmo tempo um progresso gigantesco para todos e uma tarefa esmagadora de sobrevivência e adaptação da herança cultural a esse quadro novo. Sentimos todos, em graus diferentes e de maneiras variáveis, a tensão entre, de um lado, a necessidade dessa ascensão e desse progresso, e, por outro, a exigência de salvaguardar o patrimônio que herdamos... Nasce daí o conflito; bem sentimos que essa única civilização mundial exerce ao mesmo tempo uma espécie de ação de usura ou de erosão às expensas do fundo cultural que produziu as grandes civilizações do passado”.¹⁸

A interrogação pode ser nostálgica, mas parte do reconhecimento de que há uma nova realidade cultural do mundo. A interrogação sobre o significado da cultura mundial, no contraponto das culturas nacionais, não elimina o simultâneo reconhecimento de que já é evidente uma cultura mundial emergente.

¹⁷ STEINER, Henry e HAAS Ken. *Cross-cultural design* (Communicating in the Global Marketplace). Thames and Hudson : Londres, 1995, pp. VIII-IX.

¹⁸ RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Trad. de F. A. Ribeiro. Companhia Editora Forense : Rio de Janeiro, s/d, pp. 277 e 283. Citações do item “Civilização Universal e Culturas Nacionais”. Consultar também: Claude Lévi-Strauss, *Raça e História*, trad. de Inácia Canelas. Editorial Presença : Lisboa, 1975.

Sim, a transculturação em curso no longo da história e no largo da geografia, processo esse que se acelera no curso do século vinte, como os desenvolvimentos do capitalismo e das tecnologias da comunicação, essa transculturação leva consigo a gênese de uma cultura de alcance mundial. Uma formação imprecisa e indecisa, evidente e presente, na qual se expressam instituições e ideais, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar próprios de um horizonte mundial. Sem prejuízo de tudo o que pode ser local, tribal, nacional e regional, também se desenvolvem os desafios e os horizontes que se produzem com a transculturação que corre pelo mundo. “Uma cultura mundial não está ainda pronta e completa, e nunca o estará. Está sendo lentamente criada e continuará a ser criada indefinidamente. A sua criação não significa a eliminação da presente diversidade de culturas, já que ela não pode ser criada do nada. Ela se forma e espera-se que se desenvolva a partir das culturas nacionais, assim como as culturas nacionais formaram-se a partir das culturas mais velhas...As culturas nacionais são dinâmicas e é o seu contínuo crescimento criativo que promove a emergência e o crescimento de uma possível cultura mundial supranacional... A concepção de uma cultura mundial inclui tanto as realizações passadas como as potencialidades futuras... A preservação das obras de arte – arquitetura, escultura, pintura – é agora geralmente reconhecida como importante, porque são valiosas não somente para historiadores, mas para presentes e futuros artistas, estudiosos, amadores e o público em geral”.¹⁹

Talvez não seja um simples acaso o fato de que o inglês se torna uma espécie de língua mundial. São muitos os que falam, escrevem, lêem ou pensam em inglês, sem que sejam nativos ou residentes em país em que esse é o idioma nacional; e sem que estejam necessariamente engajados em empreendimentos, organizações ou instituições de tipo imperialista.

¹⁹ ZNANIECKI, Florian. *Modern nationalities*. The University of Illinois Press : Urbana, 1952, p. 176.

No fim do século XX, estima-se que entre setecentos milhões e um bilhão de pessoas falam inglês. Destes, uma parte fala este idioma como língua materna, outra como segunda língua e um terceiro grupo fala o inglês como língua estrangeira. É claro que há variações e combinações importantes no que se refere a falar e escrever mais ou menos bem. Sem esquecer que há também muitos enxertos e hibridismos, o que torna esse símbolo cultural ainda mais complexo e significativo. “O inglês é usado como língua oficial ou semi-oficial em mais de 60 países e tem um lugar proeminente em mais outros 20. É dominante ou bem estabelecido em seis continentes. É a principal língua em livros, jornais, aeroportos, controle de tráfico aéreo, negócios internacionais, conferências acadêmicas, ciência, tecnologia, medicina, diplomacia, esportes, competições internacionais, música pop e publicidade. Mais de dois terços dos cientistas do mundo escreve em inglês. Três quartos da correspondência mundial é escrita em inglês. Oitenta por cento das informações arquivadas em sistemas eletrônicos está em inglês. Mais de 50 milhões de crianças estudam inglês como língua complementar em nível de primeiro grau; e mais de 80 milhões estudam essa língua em nível de segundo grau”.²⁰

É muito o que se produz em inglês e o que se traduz para o inglês, em todas as partes do mundo, continentes, ilhas e arquipélagos. Quase tudo está ou pode estar sendo traduzido para o inglês, na literatura e na sociologia, ou melhor, nas artes, nas ciências naturais e sociais e na filosofia. O inglês predomina na mídia eletrônica e impressa, nas corporações transnacionais e nas organizações multilaterais, compreendendo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, (BIRD) Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e muitas outras atuantes nas mais diferentes esferas da sociedade mundial; sempre,

²⁰ CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press : Cambridge, 1987, p. 358. Citado por PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of english as an international language*. Longman : Londres, 1994, p. 8

evidentemente, com implicações diretas e indiretas na vida social de cada nação afiliada, ou mesmo não afiliada. E pode estar não só presente, mas muitas vezes predominando, em universidades, igrejas, partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais. As organizações não-governamentais (ONGs) provavelmente pensam, falam e escrevem em inglês.

Nesse sentido, também é que a transculturação, em escala mundial, tanto propicia a emergência de uma cultura de âmbito mundial como transforma o inglês em língua de todo o mundo. Não se trata, mais uma vez de imaginar que o predomínio do inglês elimina as outras línguas. Ao contrário, cada uma e todas as línguas se afirmam e reafirmam como meios de comunicação e visões do mundo. Cada língua pode ser vista como uma espécie de decantação de vivências, experiências, formas de ser, agir, sentir, pensar e fabular. Mais que isso, conforme o texto, cada língua tanto se fertiliza no contraponto como o inglês como incute nesta língua outras modulações. É evidente que o idioma inglês, escrito e falado, está inserido nesse vasto processo de ocidentalização, orientalização, africanização e indigenização por meio do qual se desenvolve a transculturação tecendo a mundialização da cultura, compreendendo formas de entendimento e de fabulação.

A transculturação sempre envolve a tradução. Tanto é assim que se pode afirmar que estas são diferentes formas de tradução: contato, intercâmbio, negociação, tensão, acomodação, mestiçagem, hibridação, sincretismo, assimilação, aculturação e transculturação. São diferentes formas de tradução, nas quais podem envolver-se distintas linguagens e diferentes modos de comunicação: fala e escrita, forma e movimento, som e cor, literal e figurado, metáfora e alegoria, realista e impressionista, naturalista e mágica, em diversas modalidades de combinações. Ao mesmo tempo, põem em causa modos de vida e trabalho, formas de ser, agir, sentir e imagens ou estilos de pensamento e visões do mundo. Talvez

seja possível dizer que o conceito, por exemplo, assim como a metáfora, envolvem uma escala avançada ou mesmo excepcional de tradução. Podem ser diversas, ou muitas, as mediações que povoam a transição e a tradução da matéria de criação ao conceito ou à metáfora. Muito do que cultura, passando pela literatura e a sociologia ou as artes e as ciências, é simultaneamente produto e condição de múltiplas e complexas traduções. Traduções realizadas por cada autor, em seus múltiplos diálogos, e traduções realizadas por cada um e os muitos leitores, ouvintes, espectadores; variando com o lugar e a época, a pompa e a circunstância.

“O processo de tradução diacrônica, no interior da própria língua, é tão constante e é realizado de maneira tão inconsciente que somente em muito raras ocasiões fazemos uma pausa para observar sua complexidade, ou reparar no papel decisivo que desempenha na existência da própria civilização. O passado, tal e como o conhecemos, é, em sua maior parte, uma construção verbal. A história é um ato verbal, um uso seletivo dos tempos pretéritos. Mesmo vestígios tão concretos como edifícios e monumentos históricos devem ser “lidos, isto é, re-situados em um contexto de identificação verbal, para que possam adquirir presença real... Sem a fecunda ficção que é a história, sem essa vivacidade sem fissuras que é a do passado escolhido, convertemo-nos em sombras planas... Mas não existem duas leituras, duas traduções idênticas, pois cada uma se faz desde um ângulo determinado... Não é exagero dizer que possuímos civilização porque aprendemos a traduzir além dos tempos”.²¹

Sim, como processo sociocultural, a tradução pode realizar-se em diversas modalidades, desde a que pretende ser literal à que realiza a recriação, desde a que assume deliberada ou implicitamente um ponto de vista à que se empenha em

²¹ STEINER, Geoge. *Después de Babel (Aspectos del lenguaje y la traduccion)*, tradu. de Adolfo castañon, Fondo de Cultura Económica : México, 1980, pp. 46-48.

resgatar todas as possibilidades do original. A partir do que o tradutor imagina que estaria no original, nas intenções do autor e no contexto do texto, abrem-se outras e muitas possibilidades de tradução.²²

É assim que se realiza, complica, simplifica ou enriquece a transculturação. Sem esquecer que a transculturação está sempre presente e ativa na ocidentalização, orientalização, africanização e indigenização, entre outros processos socioculturais fundamentais que produzem e constituem as configurações e os movimentos da história. Uma história assinalada por descobrimentos, encontros e conquistas, sempre acompanhados por traduções e transfigurações.

O mundo pode ser lido como um texto, uma imensa e bélica narrativa. Já não se sabe mais aonde começa nem onde termina, e muito menos por que lugares caminha. Compreende épocas e situações, indivíduos e coletividades, culturas e civilizações. Está atravessada por rupturas e reorientações, progressos e retrocessos, realidades e ilusões. Mas sempre parece buscar algum norte, encontrar alguma direção, mobilizar ideais, sonhar utopias ou nostalgias. Essa é a narrativa que não termina, sempre lida e relida ao longo da narração. É redescoberta por diferentes indivíduos, gerações, grupos, classes, coletividades, tribos, nações e nacionalidades. Parece naturalista, realista, impressionista ou mágica, mas também pode ser dramática ou épica. Tem sido original, imitação, recriação, paródia, caricatura, simulacro. São freqüentes as carnalavalizações do que seria a realidade representada no jogo das relações sociais presentes, pretéritas, imaginadas. Há sempre textos escondidos em contextos, e vice-versa, sendo que em geral se confundem, confundindo não só o que lê mas também o que narra, já que o que narra pode ser uma ilusão do que lê.

²² BORGES, Jorge Luís. História da ternidade, 3a. edição, trad. de Carmen Cirne Lima, Editora Globo : São Paulo, 1993, "Os tradutores das 1001 noites" pp. 75-97. BORGES, Jorge Luís. Discussão, 2a. edição, trad. de Cláudio Fornari, Difel : São Paulo, 1986, "As versões homéricas", pp. 71-87.

Sob vários aspectos, as narrativas literárias e sociológicas, entre muitas outras, escritas desde os primórdios dos tempos modernos, compreendendo a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização, podem ser vistas como capítulos de uma narrativa mais ampla. São narrativas sobre os enigmas sintetizados nos contrapontos Novo Mundo e Velho Mundo, Oriente e Ocidente, Islamismo e Cristianismo, África, Comunismo e Capitalismo e, interrogativamente, Ocidente? Entre outros são os mais diversos e insólitos capítulos de uma vasta narrativa sem fim.

Todas, literárias e sociológicas, quando bem elaboradas, são narrativas nas quais a realidade aparece taquigrafada. Essa realidade, que tem sido social, econômica, política, cultural, étnica, de gênero, ecológica, religiosa e lingüística, uma realidade simultaneamente complexa, intrincada, opaca e infinita, aparece aos olhos de muitos narrada, ou melhor, decantada. Sim, a narrativa decanta o presente, o passado e o devir como acontecimento e ilusão, como realidade e fabulação. É raro que o que era, é ou seria a realidade, apareça plenamente narrada. A narrativa taquigrafada, seleciona, sublima, fabula, exorciza, decanta e canta.

Por isso é que são evidentes as figuras que compõem a narrativa, seja esta literária, sociológica ou outra. Em todas há imagens, metáforas e alegorias, constituindo o narrado e a narrativa, o narrador e o leitor, sempre taquigrafando a realidade e elaborando a fabulação. Tanto é assim, que são muitas as imagens ou metáforas que já podem ser consideradas “clássicas” da narrativa sociológica: fortuna e virtude, vontade geral e vontade particular, infra-estrutura e superestrutura, normal e patológica, eunomia e anomia, indústria cultural, economias-mundo, aldeia global, nova ordem econômica mundial, fim da história, terra-pátria, mundo sem fronteiras, sociedade civil mundial, desencantamento do mundo, modernidade, pós-modernidade.

Nessa perspectiva, toda narração é também um modo de fabulação. Tanto descreve como seleciona, taquigrafa e traduz. O que parece como intrincado, opaco ou infinito, logo se decanta, canta, encanta ou espanta. Daí a possibilidade de que narrar em termos literários, ou até mesmo em linguagem sociológica, é sempre e também um modo de reencantamento da realidade, acontecimento ou dilema. Sim, é o enigma escondido no devir das coisas, gentes e idéias que desafia tanto a reflexão como a fabulação. O mesmo processo de conhecimento pode ser simultaneamente um processo de encantamento.

Esse o horizonte em que as narrações sobre a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização, sempre compreendendo a transculturação, podem ser vistas como os capítulos ou os fragmentos de um imenso texto impregnado de histórias. Um texto babélico, escrito em muitas línguas e em muitas linguagens, por meio das quais se passa do que se supõe que seja a realidade para o que a constitui como interrogação, enigma inescrutável, explicação e fabulação: ocidentalização, orientalização, africanização e indigenização, ou Novo Mundo e Velho Mundo, Oriente e Ocidente, Islamismo e Cristianismo, Comunismo e Capitalismo, África e, inter-rogativamente, Ocidente?

Há narrativas que andam juntas, de par-em-par, ao passo que outras andam dispersas. Mas podem encontrar-se, reencontrar-se, conflitar-se ou extraviar-se, conforme o lugar e a época, o leitor e a leitura, o texto e o contexto. E é assim mesmo, nesse movimento múltiplo, atravessando de não-contemporaneidades e desterritorializações que se forma e transforma a vasta narrativa da história, ou melhor, “essa fecunda ficção que é a história”.²³

²³ George Steiner, *Despues de Babel*, op. Cit. P. 47.

Todos são compelidos a dar-se conta de que a máquina do mundo joga uns e outros em diferentes direções, desterritorializados e reterritorializados, no contraponto das relações sociais, no jogo das forças sociais. São crises e convulsões, rupturas e terremotos, guerras e revoluções, atravessando a geografia e a história, movimentando as coisas, as pessoas e as idéias. Aí também se enraizam a literatura e a sociologia, entre outras formas de linguagem, narrando, interrogando, estranhando, compreendendo, explicando e fabulando. Em larga medida, a melhor narrativa está sempre desafiada pelos enigmas que se escondem ou irrompem nos movimentos da história. Sob muitos aspectos, as configurações críticas desses movimentos revelam-se excepcionalmente fecundas, fertilizando as narrativas.²⁴

Nesse momento já se desenham os contornos e os movimentos, os monólogos e os diálogos, as polifonias e as cacofonias que compõe a metanarrativa da história. Uma metanarrativa que traduz muito do que se sabe e se imagina sobre o mundo; traduzindo inclusive muito do que há de imponderável e insuspeitado, fugaz e inexorável nos modos de ser, sentir, agir, pensar e imaginar de uns e de outros. É assim que o mundo se revela como história e ficção, ou realidade e fabula. Está composto como uma imensa biblioteca, na qual encontram-se todos os textos, em todas as línguas, de todos os lugares e tempos. Uma biblioteca que pode ser vista também como se fosse um livro de grandes proporções, no qual todos os outros estão situados e dissolvidos, presentes e memorizados. “A metáfora é aproximadamente esta: o Universo é um grande Livro; nele cada fenômeno material e mental tem um significado. O mundo é um imenso alfabeto. A realidade física, os fatos da

²⁴ George Steiner, *Extraterritorial (A Literatura e a Revolução da Linguagem)*, trad. Júlio Castañon Guimarães, Companhia das Letras, São Paulo; Hans Magnus Enzensberger, *Com Raiva e Paciência (Ensaio sobre Literatura, Política e Colonialismo)*, trad. de Lya Luft, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

história, o que quer que os homens tenham criado são, por assim dizer, sílabas de uma mensagem perpétua.²⁵

Essa é uma surpreendente metamorfose. A história se transfigura em fantasia. O mesmo processo de desencantamento da realidade sócio-cultural, por meio da narrativa literária, sociológica ou outra, leva consigo um outro tipo de encantamento, uma espécie de reencantamento. As imagens, metáforas e alegorias, entre outras figuras que povoam as narrativas, logo transfiguram a realidade em surpresas, interrogações, dilemas ou enigmas, como artifícios destinados a captar e exorcizar o que se esconde nas fissuras, sombras, articulações, tensões, rupturas, continuidades e descon-tinuidades que se desenham na realidade sócio-cultural.

É antiga a idéia de que a ciência está na base do desencantamento do mundo. Desde o início dos tempos modernos, e de modo acentuado a partir do Iluminismo, são muitos os que associam ciência, técnica, racionalização, inteligência do real e desencantamento do mundo.²⁶ Cabe, no entanto, reconhecer que esse é apenas um aspecto da história. Simultaneamente ao desencantamento do mundo, devido aos desenvolvimentos das interpretações científicas sobre a natureza e a sociedade, a mesma ciência sempre leva consigo a possibilidade da ideologia. Há sempre uma figura espreitando a reflexão científica, de modo a extrair desta as possibilidades do devir, as tendências escondidas nas configurações e nos movimentos da realidade. E essa figura tem assumido esta ou aquela fisionomia, podendo ser ideologia, utopia ou nostalgia.

²⁵ George Steiner, *Extraterritorial*, citado, p. 38-39. Consultar também: Jorge Luis Borges, *Ficções*, trad. De Carlos Nejar, 3. Ed., Editora Globo, Porto Alegre, 1982, especialmente "A Biblioteca de Babel", p. 61-70.

²⁶ Max Weber, *Ciência e Política (Duas Vocações)*, trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota, Editora Cultrix, São Paulo, 1985, especialmente "A Ciência como Vocaçãõ", p. 17-52.

Sem esquecer que a literatura também vive esse dilema, evidentemente em termos muito diversos, não só em outra linguagem. O romance pode ser uma expressão muito característica do mundo moderno e contemporâneo. Aliás, o romance é reconhecido como produto e decantação das formas de sociabilidade, individualidade e subjetividade que se desenvolvem com a secularização, urbanização, industrialização e mercantilização que acompanham a gênese e os desenvolvimentos da sociedade civil, burguesa ou de classes.²⁷ Mas o romance está sempre desafiado pelas possibilidades e impossibilidades de esclarecimento, entendimento ou conhecimento de dimensões imponderáveis ou fugazes da vida social, real e imaginária. Simultaneamente, no entanto, a ficção leva sempre algo de inquietação, interrogação e estranhamento, tanto quanto de sublimação e exorcismo. Até no mais evidente ceticismo, ou mesmo niilismo, há algo de inquietação sobre o que é, o que foi ou o que poderia ser. São freqüentes os casos nos quais o fluxo narrativo agarra e arrasta o leitor, surpreendido por um *pathos* escondido, no qual espreita alguma utopia ou nostalgia.

Referências Bibliográficas

- ARNOLDO, David. *The age of discovery* (1400-1600), Routledge : Londres, 1994, p. 2, 4 e 6-7.
- BORGES, Jorge Luís. *História da ternidade*, 3. edição, trad. de Carmen Cirne Lima, Editora Globo : São Paulo, 1993, “Os tradutores das 1001 noites” p. 75-97.
- BORGES, Jorge Luís. *Discussão*, 2. edição, trad. de Cláudio Fornari, Difel : São Paulo, 1986, “As versões homéricas”, p. 71-87.

²⁷ Ian Watt, *A Ascensão do Romance* (Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding), trad. Hildegard Feist, Companhia das Letras, São Paulo, 1990; Georg Lukács, Mikail Bakhtin e outros, *Problemi di Teoria del Romanzo*, trad. Clara Strada Janovic, Giulio Einaudi Editore, Torino, 1976.

- CAMÕES, Jorge Luís. *Os Lusíadas*, Abril Cultural : São Paulo, 1979, Canto primeiro, estrofe 79; Canto segundo, estrofe 4; Canto segundo, estrofe 80; Canto décimo, estrofes 79 e 80.
- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press : Cambridge, 1987, p. 358. Citado por PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of english as an international language*. Longman : Londres, 1994, p. 8.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Com Raiva e Paciência (*Ensaio sobre Literatura, Política e Colonialismo*), trad. de Lya Luft, Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1985.
- GELLNER, Ernest. *Nations and nationalism*, Blackwell Publishers : Oxford, 1983.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Trad. de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino, Editora Paz e Terra : São Paulo, 1991.
- HOMI K. Bhabha (Editor). *Nation and Narration*. Routledge : Londres, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*, trad. de Inácia Canelas. Editorial Presença : Lisboa, 1975.
- LUKÁCS, Georg. e BAKHTIN, Mikail e outros, *Problemi di Teoria del Romanzo*, trad. Clara Strada Janovic, Giulio Einaudi Editore, Torino, 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. "Introdução" de ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Citado, pp. XV-XXII; citação da p. XVII.
- MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Trad. de Agenor Soares de Moura, Livraria do Globo : Porto Alegre, 1947, pp. 13 e 32.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização* (A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa), trad. de Cláudia Martinelli Gama. Jorge Zahar Editor : Rio de Janeiro, 1991, p. 71.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Introdução de Bronislaw Malinowski. Jesus Montero Editor : La Habana, 1940. p. 142. Consultar também: RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Siglo XXI Editorres : México, 1982.

- RAWSON, Philip. *The art of Southeast Asia* (Cambodia, Vietnam, Thailand, Laos, Burma, Java, Bali). Thames and Hudson : Londres, 1993, p. 7.
- RENAN, Ernest. Qu'est-ce qu'une Nation?, *Discours et conférences*, Calmann Lévy Éditeur : Paris, 1887, p. 277-310.
- RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Trad. de F. A. Ribeiro. Companhia Editora Forense : Rio de Janeiro, s/d, pp. 277 e 283. Citações do item "Civilização Universal e Culturas Nacionais".
- ROSA, João Guimarães. "O texto, um animal bravo e vivo", trechos de cartas a Harriet de Onís. Tradutora para o inglês de *Grande Sertão: Veredas e Sagarana*. In: *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 maio 1996, p. 4. Citação da carta datada de 4 março 1965.
- SAID, Edward W. *The world, the text and the critic*. Harvard University Press : Cambridge, 1983, p. 226. Citação no cap. 10: "Traveling theory".
- STEINER, George. *Despues de Babel*, op. Cit. p. 47.
- _____. *Extraterritorial* (A Literatura e a Revolução da Linguagem), trad. Júlio Castañón Guimarães, Companhia das Letras, São Paulo.
- _____. *Extraterritorial*, citado, pp. 38-39. Consultar também: Jorge Luis Borges, *Ficções*, trad. De Carlos Nejar, 3. Ed., Editora Globo, Porto Alegre, 1982, especialmente "A Biblioteca de Babel", p. 61-70.
- _____. *Despues de Babel* (Aspectos del lenguaje y la traduccion), tradu. de Adolfo castañón, Fondo de Cultura Económica : México, 1980, p. 46-48.
- _____. e HAAS Ken. *Cross-cultural design* (Communicating in the Global Marketplace). Thames and Hudson : Londres, 1995, p. VIII-IX.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance* (Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding), trad. Hildegard Feist, Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- WEBER, Max. *Ciência e Política* (Duas Vocações), trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota, Editora Cultrix, São Paulo, 1985, especialmente "A Ciência como Vocaçãõ", p. 17-52.

WITTKOWER, Rudolf. *Allegory and the migration of symbols*. Thames and Hudson : Londres, 1987, p. 11.

ZNANIECKI, Florian. *Modern nationalities*. The University of Illinois Press : Urbana, 1952, p. 176.